

# Considerações sobre a importância da fala na psicanálise e sua afinidade com o programa de doze passos de Alcoólicos Anônimos

## Considerations about the importance of speech in psychoanalysis and its affinity with the twelve-step program of Alcoholics Anonymous

Ana Lucia Cavalcanti de Azevedo Silva\*, Fernanda Cabral Samico

Como citar esse artigo. SILVA, A.L.C.A.; SAMICO, F.C. Considerações sobre a importância da fala na psicanálise e sua afinidade com o programa de doze passos de Alcoólicos Anônimos. *Revista Mosaico*, v.11, n.1, p. 107-112, 2020.

### Resumo

O trabalho tem como finalidade articular, sob o ponto de vista da psicanálise, os efeitos produzidos pelo ato de fala direcionada ao ouvinte, em dois ambientes discursivos distintos, apontando para a importância da linguagem na estruturação do inconsciente. Pretende levar, a partir de um recorte, informação sobre a dinâmica de funcionamento de um grupo de A.A. - irmandade norteada por um programa de doze passos - que assim como a psicanálise, porém sem substituí-la, lança mão do discurso do sujeito que traz consigo uma demanda, um sofrimento, para promover a sua recuperação E, mais especificamente, lançar um apelo no sentido de abrimos a mente para o reconhecimento desse espaço de “cura”, traduzida segundo Freud como “a reorganização do Eu”, [...] Efetivamente, Freud fala da ampliação do Eu e define a cura como a produção de um ser psíquico novo. Mesmo assim concebida, a cura continua sendo uma ideia, um ideal vago. (1927)

**Palavras-chave:** Psicanálise, Alcoolismo, Inconsciente, Tratamento, Fala, Linguagem.

### Abstract

The work intends to articulate, from the point of view of psychoanalysis, the effects produced by the act of speech directed to the listener, in two distinct discursive environments, pointing to the importance of language in the structuring of the unconscious. Aims to convey, from a snip, information on the dynamics of an A.A. group, a fraternity guided by a twelve-step program, which, like psychoanalysis, however, without replacing it, uses the discourse of the subject that brings a demand, a suffering, to promote its recovery. And, more specifically, to launch an appeal to open the mind to the recognition of this space of “healing”, translated according to Freud as the “reorganization of the Self”, [...] Indeed, Freud talks about the enlargement of the Self and defines healing as the production of a new psychic being. Even so conceived, healing remains an idea, a vague ideal. (1927)

**Keywords:** Psychoanalysis, Alcoholism, Unconscious, Treatment, Speech, Language.

## INTRODUÇÃO

Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente. A evidência desse fato não justifica que o negligencie. Ora, toda fala pede uma resposta. Mostraremos que não há fala sem resposta, mesmo que se depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função na análise. (LACAN, 1953/1998, p. 248)

É de conhecimento geral que a psicanálise trabalha com a fala. É somente a partir da fala que é possível se instrumentalizar as construções do inconsciente e operar em uma análise. A partir da afirmativa de Lacan (1957-58/1999) de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, o presente trabalho pretende abordar a importância da fala para a psicanálise e o conceito de escuta psicanalítica. Objetiva, a partir

daí, apresentar uma articulação entre a fala para a Psicanálise e a fala como fenômeno que acontece dentro de um grupo de Alcoólicos Anônimos – A. A. – tendo por base depoimentos proferidos por seus membros, dependentes alcoólicos em recuperação. A proposta é construir, a partir das suas similaridades, uma ponte que ligue a prática da fala e escuta no âmbito das reuniões de recuperação dentro de Alcoólicos Anônimos e a teoria freudiana da importância da fala em psicanálise e a escuta do psicanalista, aplicada na condução do trabalho psicanalítico. Esclarecendo alguns pontos sobre o funcionamento do AA, o estudo comporta o olhar psicanalítico sobre os efeitos da fala também como instrumento de recuperação de alcoólicos.

Afiliação dos autores:

Curso de Psicologia, Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil

\* Email de correspondência: [alcas477@hotmail.com](mailto:alcas477@hotmail.com)

Recebido em: 04/04/20. Aceito em: 11/05/20.

## Primeiras aproximações

Ao iniciar o processo de recuperação em A.A., o membro recém chegado encontrará um espaço de fala onde pode falar e ser ouvido a partir do silêncio respeitoso dos outros membros ali presentes. Porém, a despeito deste silêncio, o indivíduo não fala para o vazio. Longe de ser uma conversa informal, sua fala chega à audiência ensejando um diálogo subliminar que é construído a partir de um lugar “sagrado”, “onde não se pode mentir” (expressões utilizadas pelos membros para referir-se à cabeceira de mesa). Muitos dizem ter experimentado nesse lugar e naquele silêncio um amor nunca antes sentido entre semelhantes. Um amor incondicional. Aqui percebemos que por parte do alcoolista em recuperação há uma construção muito especial, em termos de simbolização, na postura da audiência desejosa de ouvir.

Numa reunião de AA o compartilhamento é ouvido pela audiência, que não participa e se mantém silente. Há uma marcação importante de lugares simbólicos: aquele que fala, ao dar seu testemunho, não ocupa o mesmo lugar que a audiência. E aqueles que escutam, colocam-se como audiência única e somente. Muito embora o discurso proferido em cabeceira de mesa traga relatos de acontecimentos cotidianos, é menos o que acontece no dia a dia e mais a motivação desses acontecimentos o que interessará ao grupo ali reunido. Não há intenção de analisar propriamente ou mesmo compreender o que é falado, muito menos julgar. Como uma paisagem que se descortina através da janela de um trem, o discurso do membro em cabeceira de mesa desenrola-se independentemente do sentido que se pretenda imprimir a esse discurso. Podemos arriscar fazer um chiste, com Freud, e dizer que seria uma escuta à moda flutuante<sup>1</sup>. O orador repetirá indefinidamente, quantas vezes forem necessárias, a sua história, com suas passagens mais traumáticas. A audiência, sempre silenciosa, acatará essa fala de repetição interminável e, não raro, cada participante dessa audiência poderá tomá-la como ferramenta para interpretar a sua própria história.

A partir de alguma coisa que chamará a atenção no correr da paisagem da janela o ouvinte estabelecerá uma identificação<sup>2</sup> com a história contada. Entretanto, ao utilizá-la como instrumento de interpretação de sua própria história, o ouvinte não responde ao orador de um lugar de conhecimento, não lhe oferece solução, nem uma saída. Exprime sua fala transformada pelo depoimento anterior, quando ele próprio estiver no lugar de orador, que por sua vez deixará antever elementos de sua própria história a um próximo membro.

O sofrimento psíquico também é, normalmente, o pano de fundo da busca pela análise. Não raro, o desconhecimento das causas dessa aflição leva o

sujeito a uma série de justificativas que ele apresenta como motivo para esse pedido de ajuda. Assim como no momento de dar o depoimento em uma reunião de A.A., em uma análise também há uma dissimetria de lugares. Não é uma relação de sujeito para sujeito que se criará, mas de algo com uma sequência, com uma continuidade regrada. “Não se trata de uma relação onde as duas pessoas interagem a partir do mesmo plano, simetricamente. (MAURANO, 2010). Entretanto, nem toda fala oriunda do sofrimento psíquico resultará em um processo de análise - ou em um processo de recuperação/reformulação, se tratando de A.A. Ainda que este sofrimento tenha levado o sujeito em direção a um *setting* analítico ou a uma irmandade de doze passos, para além de um pedido legítimo de ajuda, é necessária uma nova perspectiva do sujeito perante suas demandas. Esse alinhamento, esse encontro frontal com suas lamentações, de certa forma o eleva para um patamar onde o desejo de trabalhar sobre si e seu inconsciente estará, finalmente, presente.

## Os caminhos do Inconsciente

Se a busca do sujeito pela psicanálise é resultado de sofrimento, temos na doutrina freudiana um investimento na busca pela causa primeira desse sofrimento a partir da tentativa de responder quais as nossas motivações, as causas mesmas de nossos atos; e como dizer essas causas utilizando a linguagem advinda do funcionamento de nossa vida psíquica.

Inicialmente, é interessante lembrarmos que sob o ponto de vista freudiano do funcionamento do psiquismo, a energia a que nos referimos, e que sempre se origina no interior do organismo, é um estímulo excitante que imprime uma marca no aparelho psíquico. A essa excitação chamamos representante ideativo ou representante das pulsões, não havendo distinção entre causas externas ou internas que a originam. O nascedouro de excitação endógena no organismo produz uma marca, uma imagem ou uma ideia e se constitui como uma característica do psiquismo. (NASIO, 1995)

Na dinâmica do aparelho psíquico, Freud (1927/1996) ensina que a carga de energia permanece constante sobre o representante ideativo, de tal forma que não há como aliviar essa tensão. A tentativa incessante de eliminar a tensão, esse desconforto efetivo sentido como desprazer, será o motor para as mais variadas estratégias que o aparelho psíquico lançará mão. O prazer, então, seria entendido como a descarga imediata da tensão, o que é parcialmente impossível, pois ela é constante. Em psicanálise, essa dinâmica a que nos referimos diz respeito ao movimento inicialmente chamado por Freud (1920/1996) de *Princípio de prazer-desprazer*, que se configura como uma constante tentativa de redução da tensão, onde desprazer refere-se ao aumento dessa

tensão e prazer à sua pretensa eliminação.

O aparelho psíquico contém, por assim dizer, esse esquema e o psiquismo está contido num meio constituído pela realidade representacional. É cercado por ela e sua fronteira limita o interior e o exterior. (NASIO, 1995) O que temos então? Uma tensão permanente do lado do representante da pulsão e, do outro lado, uma demanda de prazer inatingível que parte do representante da ação que, por sua vez, mostra-se como uma configuração permanente do psiquismo sob constante tensão.

O inconsciente não é acessível a não ser pela via da consciência, por onde somente transita travestido de suas inúmeras formações. Na consciência, pela imposição do recalque, seus conteúdos precisam ser modificados para emergirem. E as formas como isso se dá é o que Lacan (1957-58/1999) chamaria de “formações do inconsciente”. Essas manifestações psíquicas com que o inconsciente se camufla para fazer-se presente, são os sonhos, os chistes, os atos falhos e os sintomas. Eis os obstinados caminhos para o inconsciente. Essas formações, um dos três tempos constitutivos do recalque<sup>3</sup>, permitem o retorno do recalado (FREUD, 1915/1996), por conseguinte, atravessando o consciente e dando voz ao que antes estava oculto ou não dito. Uma prova incontestável do determinismo psíquico é o fenômeno do ato falho: esquecimentos, trocadilhos, gestos aparentemente impensados que atestam as motivações inconscientes trazendo à tona o que realmente se pretende comunicar.

Para afirmar que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, Lacan recorre à linguística e a um dos conceitos mais utilizados por Ferdinand de Saussure (2014), qual seja, o de significante. O linguista francês apresenta os signos em seu livro “*Curso de linguística geral*” (2014), como formadores da linguagem, sendo o significante uma de suas dimensões e o significado a outra dimensão do signo. Entendendo-se por “significado” o conceito ou sentido e por “significante” a palavra ou som atribuído àquele significado. Do ponto de vista de Saussure, em termos de linguagem, o importante é o conceito pois este se encontra no significado, e o significante é simplesmente um nome atribuído ao significado.

Para Lacan (1957-58/1999), que subverte essa dinâmica, os significantes, carregados com um sentido e energia libidinal específica para cada indivíduo, e não os signos ou significados, são os formadores da linguagem. É com eles que se dará o trabalho do inconsciente e são eles que influenciarão o aparelho psíquico, ligando-se a outros significantes. Em seu escrito “A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud”, de 1957, Lacan (1957/1998) propõe as leis do inconsciente, que são as duas formas como os significantes se articulam. Estas leis são a metáfora e a metonímia que, sob a ótica da linguística, correspondem, respectivamente, à condensação e ao deslocamento, apresentados por

Freud (1900/1996) em “A interpretação dos sonhos”. Embora não seja o propósito nos alongarmos nesse tema, lembremos que a metáfora é a superposição ou substituição de um significante por outro; e a metonímia é a articulação de um significante ao outro por deslizamento.

Não se pode dissociar a análise do sujeito de sua historicidade e cultura. A partir da narrativa de sua epopeia individual e dos símbolos utilizados para contá-la, é possível, então, dar início ao processo de análise. É na fala do paciente que se encontra o único expediente de que a psicanálise lançará mão para atingir seu propósito. No entanto, mesmo na fala vazia, há insidiosamente a ação do inconsciente. Faz-se necessário, então, levantar o que servirá de volante no movimento de tomada de responsabilização pelo seu próprio ato de fala. Uma vez envolvido no processo de análise o sujeito aceita e ocupa o papel de interlocutor o que, de fato, ensina que seu discurso, por vezes lacônico, comporta um destinatário para seu ato de fala. É nessa interlocução psicanalítica, que inclui a resposta do interlocutor, que se dá o restabelecimento da continuidade nas motivações do sujeito. (SILVA, 2019)

Se o mergulho no processo de análise expõe o sujeito às suas vulnerabilidades e peculiaridades – se faz emergir sua história mais longínqua, enterrada sob camadas e camadas de escolha compulsória pelo esquecimento – é também nesse mergulho que se revelará a face obtusa da dor. Porém, como se uma chance de ouro se apresentasse, a dor convida a um olhar totalmente diverso sobre o próprio sofrimento. Recordando de si mesmo, repetindo o que não pôde lembrar pela magnitude do trauma, encarando a verdade de seu desejo, o sujeito agora tem no inconsciente um aliado. (SILVA, 2019)

## O sofrimento psíquico

É no período que compreende 1890 a 1930, que Freud, a partir dos seus atendimentos, traz à luz a ideia de sofrimento psíquico. As histórias e questões desses pacientes não tinham como ser apresentadas ao mundo a não ser pelas dores e anomalias plasmadas em seus próprios corpos e discursos. A tentativa de Freud e Breuer à época, de dar solução a estes sintomas através da prática da hipnose, mostrou-se, num determinado momento, ineficaz. A técnica não atendia ao que entendemos hoje como a função mais básica da psicanálise que é o processo de “recordar, repetir e elaborar” que se desenrola ao longo das sessões. (FREUD, 1915/1996). Atendendo a um apelo de uma de suas pacientes para que “a deixasse falar”, Freud inaugura uma escuta que revela o sofrimento além do problema físico, limitado ao corpo das históricas, e abre as portas para dar ouvidos e passagem para a fala a um

sofrimento que remete à subjetividade. “Isto o leva a estabelecer, em 1904, a associação livre como a regra principal da psicanálise. A fala em transferência mostra-se mais eficiente na resolução dos sintomas, mesmo revelando as resistências de modo mais contundente”. (MAIA; MEDEIROS; FONTES, 2012, p. 46)

O sofrimento, com seu desfile de signos, acomete a todos nós em todas as épocas, seja qual for seu atributo. Historicamente, podemos pontuar que o sofrimento, nomeado de diversas maneiras, comparece sempre. Porém, podemos perguntar: o sofrimento mental se traduz em doença mental? Temos aqui um ponto interessante que traz a questão da relação entre sofrimento psíquico e sintoma.

Conversões, ideias obsessivas e fobias são sintomas para a psicanálise; são formas de sofrimento que podem e passam, de certo modo, a ser expressos a partir de uma linguagem, porém de forma metafórica. Na articulação da palavra é possível perceber alguma coisa que se impõe para o sujeito, que o submete no sentido de um *impulso de fazer* e que soa inadequado; ou, ainda, alguma coisa que impede esse sujeito de realizar algo: ele não se permite fazer o que precisa em determinados contextos de sua vida. A função dessa linguagem, o sofrimento narrado, importa para que se defina a estrutura da linguagem própria dos sintomas. Nessa relação de fala – direcionada pela transferência com o analista – retoma-se e recorda-se a própria história. Isto se dá de uma maneira muito singular, dentro de um molde autoral, único de cada sujeito. Somente assim consegue dizer de maneira peculiar o que não consegue dizer efetivamente. O sujeito recordará, repetirá e elaborará, até o momento em que se apropriará da verdade de seu desejo e da capacidade de exprimi-lo não mais necessitando desse ou daquele sintoma para servir-lhe de intérprete. (FREUD, 1915/1996)

## Inconsciente e linguagem

Ao instituir a associação livre como regra principal no processo de análise, o “livre” não significa ausência de determinação, mas sim a substituição de uma determinação por outra. “O inconsciente possui, portanto, uma ordem, uma sintaxe: ele é estruturado e, segundo nos diz Lacan, estruturado como uma linguagem.” (GARCIA-ROZA, 1984)

E como se dá essa linguagem? De que forma se mostra o inconsciente a partir de suas construções? Através dos sonhos, dos atos falhos, dos chistes, dos lapsos e dos sintomas. Justamente quando essas chamadas lacunas das manifestações conscientes surgem, o inconsciente – ou as formações do inconsciente – é trazido à superfície, pela descontinuidade da narrativa lógica. Porém, é menos a descontinuidade do discurso consciente do que a percepção de uma ultrapassagem

seguida de “atropelamento”, que dará a este sujeito do significado a noção da existência de um desconhecido que interfere em sua fala, que, de fato, o atropela, sujeito do significante. Portanto, quem fala através dos fenômenos lacunares é o sujeito do inconsciente. (ELIA, 2004)

Estruturado como linguagem, é ele que se apresenta o tempo todo quando falamos. Seu discurso, como já vimos, está na superfície. (LACAN, 1953/1998) Entretanto, mesmo sendo a linguagem a sua estrutura, ela não é suficiente para abarcar e exprimir tudo o que diz respeito ao sujeito; melhor dizendo, “o desejo não se inscreve todo na linguagem” (GARCIA-ROZA, 1984). E nesse constante *não dito* sempre presente, será necessário ao sujeito construir outras formas mais satisfatórias de laço social, maneiras diferentes de amar e desejar. Neste ponto, nossa relação com a linguagem também nos aliena e divide de certa forma, pois, no momento das trocas de símbolos, o inconsciente rompe com a comunicação linear, a partir disso que não cessa de não ser dito, levando o sujeito a cometer equívocos. (LACAN, 1957-58/1999)

A partir do que *não cessa de não ser dito*, constrói-se uma linguagem oposta à realidade, conferindo-lhe, então, um sentido, numa tentativa de torná-la coerente. Produzimos uma realidade obliterada, que parece atender à necessidade de experienciar um lugar onde uma realidade mais homogênea aparece. Porém, o que se camufla nessa realidade, o que se retira dela, retorna e é fonte certa de sofrimento pois “não se pode modificar a falta de sentido que caracteriza nossa vida”. (DUNKER, 2018). Mas podemos falar disso.

Diante dos sintomas, o tratamento consiste em encontrar o sentido além do aparente non sense. Quando as lembranças voltam à tona no processo de análise e um sentido pode ser atribuído, as repetições sem fim encontram sua finalidade e os sintomas cessam. (MAIA; MEDEIROS; FONTES, 2012, p. 49)

Desta forma, para Freud a fala revela sintomas, alivia, produz novos sentidos. Lacan (1953/1998) nos diz, com outras palavras, que a psicanálise cura por uma relação com a linguagem – uma experiência com saber a verdade. E essa verdade é a verdade de nossos desejos. Entretanto, não necessariamente sabemos o que desejamos e, até certo ponto, fazemos algum esforço para esquecer o que de fato desejamos. O sofrimento pode ser o indicador de que não estamos de posse, efetivamente, do que queremos ou *a verdade de nosso desejo*. É pela fala que o inconsciente constrói seu discurso. Mas de que fala se trata, na doutrina psicanalítica?

Encontramos no Relatório do Congresso de Roma (Discursos de Roma), realizado no Instituto de Psicologia *Della Università di Roma* (26 e 27/09/1953) o que Lacan conceitua como os dois tipos de fala em psicanálise, a saber, a “fala vazia” e a “fala plena”, inaugurando uma nova fase teórica do psicanalista. Essa nomeação foi encontrada por Lacan a partir do pensamento

heideggeriano que faz uma diferenciação entre Rede, que significa discurso e *Gerede*, que significa conversa, fala. (EVANS, 1996; MACEY, 1988; WILDEN, 1968). A partir dessa definição, entende-se que *Gerede* é uma forma de “tagarelice”, ou seja, uma conversa fiada que, embora positiva no sentido de nos permitir interpretar o significado do discurso, é também limitante pois não enseja uma leitura (ou escuta) do Ser, que nos leve à separação imanente do sujeito de seu “modo de ser no mundo”. (MACEY, 1988). A fala vazia diz respeito ao imaginário, a uma determinação narcísica do paciente, no sentido de seduzir o analista; representa, em tese, para o processo analítico, um entrave. A partir desse ponto são criadas as condições para o trabalho de livre associação. Somente no discurso (*Rede*) e, efetivamente em sua relação com o outro, torna-se, então, possível capturar o Ser. *Rede* é, portanto, o discurso mais próximo à verdade do desejo do sujeito. A fala plena é fala que faz ato”. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 125-126).

É a partir desse discurso que se inicia a interpretação, em detrimento do relato de um fato ou momento específico. Debruçar-se sobre o presente e na superfície da mente torna-se fator fundamental. Esta é a nova divisão do trabalho do analista: ele revela as resistências e relaciona as vinculações e situações “esquecidas”. Descritivamente falando, preenche lacunas da memória. Dinamicamente, superam-se as resistências devidas à repressão. Acontece, nesses processos, ser recordado algo que nunca poderia ter sido esquecido, isto porque nunca foi notado, não era consciente. Além disso, há outro tipo de experiência para a qual lembrança alguma pode ser recuperada, qual seja, a ocorrida na infância remota e mal compreendida na época. Entretanto, depois, foram compreendidas e interpretadas: são as experiências que conhecemos através das formações do inconsciente. (FREUD, 1915/1996)

[...] O paciente tem de criar coragem para dirigir a atenção para os fenômenos de sua moléstia. Sua enfermidade em si não mais deve parecer-lhe desprezível, mas sim tornar-se um inimigo digno de sua têmpera, um fragmento de sua personalidade, que possui sólido fundamento para existir e da qual coisas de valor para sua vida futura têm de ser inferidas. (FREUD, 1915/1996, p. 95)

Nesse ponto podemos fazer uma articulação com o que é a proposta desse trabalho, de lançar um olhar psicanalítico sobre o efeito da fala em Alcoólicos Anônimos. Não raro observa-se um fenômeno muito parecido com o que ocorre com o sujeito em análise: ao sentar-se para relatar sua experiência aos companheiros, o alcoólico em recuperação buscará minimizar o conflito entre reconhecer e negar, ao mesmo tempo, o que de doloroso sua história de vida traz. Existe, ainda, uma sobre determinação inconsciente no que se diz desse lugar, pois, submerso em anos de bebedeira, o sujeito encontra-se influenciado por uma linguagem que não é a sua própria (*pré-fabricada*). Em consequência, poderão

ocorrer equívocos na comunicação com a audiência, na tentativa de *imprimir sentido* à história narrada. Intuitivamente, numa sala de A.A., entende-se que a fala que mais faz sentido é aquela desprovida deste – também conhecida no jargão de A.A. como *a linguagem do coração*. O papel do grupo será, digamos assim, desconstruir esse discurso considerado narcisista, essa fala *certinha* – a partir de outros discursos, na sequência, dos companheiros mais experientes. Em muitos casos essa ação pode causar um certo descontentamento e talvez um “emudecimento temporário” por parte do membro ainda novato. Levando esse exemplo para a psicanálise, podemos buscar nos Escritos de Lacan uma articulação:

O analista, portanto, não pode sem perigo acuar. o sujeito na intimidade de seu gesto, ou mesmo de sua estática, a não ser para reintegrá-los como partes mudas em seu discurso narcísico, o que foi notado de maneira muito sensível até por jovens praticantes. (LACAN, 1953/1998, p. 253)

E, mais adiante, com relação às certezas do sujeito:

Muito pelo contrário, a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito até que se consumem suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas. (LACAN, 1953/1998 p. 253)

O trajeto é longo tanto para o alcoólico em recuperação quanto para o sujeito em processo de análise; o caminho para o reconhecimento da raiz de seu desejo e aceitação do que se é, deverá passar pelos vários processos da fala e seus constructos de linguagem.

No exercício teórico que realizamos nesse trabalho, surpreendentemente nos deparamos com um fenômeno em A.A. que demonstrou que, com a continuidade do processo de recuperação, o alcoólico mais habituado a fazer os relatos pessoais nas reuniões percebe que “ele não era quem pensava ser”, “inventava histórias sobre si mesmo para ser aceito pelos outros”. Entende, “a autodestruição que promovia em sua vida”, chegando à conclusão de que *estava matando a pessoa errada!* Esta frase é um dos inúmeros jargões que compõem o que se denomina ser a “sabedoria de A.A.”. É bastante curiosa, também, a similaridade do processo de *associação livre* com a fala clássica que o membro profere ao deixar a cabeceira de mesa numa reunião de A.A.: “Não era nada disso que eu *queria* dizer!” Mas era exatamente o que *precisava* ser dito.

## Considerações finais

Este artigo não pretende expor uma conclusão final sobre o tema, mas sim, como mencionado anteriormente, construir aproximações sobre “falar e ouvir” como fenômenos em uma reunião de A. A. e a importância da fala e da escuta em psicanálise. A partir

de recortes de situações que ocorrem cotidianamente nas reuniões, articulada à alguns elementos da teoria psicanalítica, podemos demonstrar que o sujeito falante, ao falar de suas dores e angústias, sempre lança mão de um discurso subjacente e inconsciente que traz consigo uma demanda e, acima de tudo, um sofrimento. Tal discurso é importante e necessário para promover a sua recuperação, pois possui em sua natureza elementos formidáveis sobre a subjetividade daquele que o profere e o germe para a cura de sua condição adoecida. A escuta entra como promotora de um lugar de valor para esses discursos e facilitadora do processo de recuperação, seja no A. A. ou no consultório do analista.

## Nota

1. Termo criado por Sigmund Freud, em 1912, para designar a regra técnica segundo a qual o psicanalista deve escutar seu paciente sem privilegiar nenhum elemento do discurso deste e deixando que sua própria atividade inconsciente entre em ação. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 39)
2. Na linguagem de A.A., o termo refere-se a uma familiaridade, um “me vi te vendo” que acontece dentro das reuniões.
3. Para Freud, o recalque possui “três tempos constitutivos do recalque: (1) o recalque propriamente dito, ou recalque a posteriori; 2) o recalque originário; e (3) o retorno do recalco nas formações do inconsciente. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.648)

## Referências

- DUNKER, C. Uma Linguagem Para o Real. Café Filosófico, 2018. Disponível em: <https://www.institutocpfl.org.br>. Acesso em: 02 maio 2019.
- ELIA, L. O conceito de sujeito. Rio de Janeiro: Zahar. 2004.
- EVANS, D. An introductory dictionary of lacanian psychoanalysis. Londres e Nova York: Routledge. 1996.
- FREUD, S. (1900) Interpretação dos Sonhos in Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1915) Recordar, repetir e elaborar in Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1920) Além do Princípio do Prazer in Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1927) O Ego e o Id in Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GARCIA-ROZA, L. F. Freud e o inconsciente. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- LACAN, J. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324
- \_\_\_\_\_. (1957) A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-536
- \_\_\_\_\_. (1953-54) O Seminário: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar. 1975
- \_\_\_\_\_. (1957-58) O Seminário: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar. 1999
- MACEY, D. Lacan in contexts. Londres, Nova York: Verso. 1988.
- MAIA, A.; MEDEIROS, C.; FONTES, F. O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. Estilos da Clínica, v. 17, n. 1, p. 44-61, jun. 2012.
- MAURANO, D. Para que serve a psicanálise? Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- NASIO, J. D. (org.) Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck,

Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1995

ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. Rio de Janeiro: Cultrix, 2014.

SILVA, A. L. C. A. A Importância da Fala na Psicanálise e sua Afinidade com o Programa de Doze Passos de Alcoólicos Anônimos. 2019, 42f. Monografia (Graduação em Psicologia), universidade de Vassouras, Vassouras. 2019.

WILDEN, A. Lacan and the discourse of the other. In J. Lacan (Org.). Speech and language in psychoanalysis. Baltimore and Londres: The Johns Hopkins University Press. 1968.